

O Bank of Boston absorve prejuízos

por Paulo Sotero
de Washington
(Continuação da 1ª página)

deixam o Bank of Boston na confortável posição de estar prevenido contra eventuais perdas em 63% de seus ativos em países em desenvolvimento.

As reservas da maioria dos grandes bancos norte-americanos passaram a representar 25% de sua "exposure" depois do grande movimento de aprovisionamento iniciado pelo Citicorp, em maio último. O preço da ousadia é que o Bank of Boston, que registrou uma receita de US\$ 232 milhões no ano passado, terá lucros marginais em 1987.

O Brasil representa um terço da carteira de cerca de US\$ 1 bilhão de empréstimos de médio e longo prazos do Bank of Boston, tendo recebido até hoje US\$ 315 milhões em créditos — US\$ 245 milhões para empresas públicas, US\$ 40 milhões para bancos e US\$ 30 milhões em outros empréstimos. Obviamente, o banco não pretende divulgar quais empréstimos, a porcentagem ou montante dos créditos que cancelou em cada país. "As carteiras de vários países foram afetadas — e não só de países da América Latina", limitou-se a dizer Wheeler. Cerca de três quartos dos ativos internacionais do banco estão na região. Além do Brasil, o Bank of Boston tem US\$ 230 milhões em ativos de longa maturação no México, US\$ 180 milhões na Argentina, US\$ 60 milhões na Venezuela e US\$ 440 milhões no Chile.

Primeiro "write-off" substancial da dívida, a decisão do Bank of Boston não deverá, segundo seu presidente e principal executivo, Ira Stepanian, "desviar a corporação de continuar a desempenhar um papel nos esforços das nações em desenvolvimento para construir economias mais fortes e mais produtivas". Stepanian acrescentou que as subsidiárias que o Bank of Boston tem no Brasil, na Argentina e no Chile são fortes e lucrativas, assegurando que o "o banco continuará a fazer empréstimos para operações comerciais e a atender outras necessidades de financiamento internacional de seus clientes". O Bank of Boston tem cerca de US\$ 170 milhões de linhas de crédito comercial

para vários países, US\$ 5 milhões dos quais em cartas de crédito para o Brasil.

"Nós somos um banco conservador e continuaremos a analisar as oportunidades de negócios e a qualidade dos ativos caso a caso", afirmou o porta-voz Wheeler.

O Bank of Boston começou a operar no País, financiando exportações de café para comerciantes em Boston, na segunda década do século. Em 1919, solicitou ao governo brasileiro autorização para instalar uma filial no Rio de Janeiro. Foi atendido em 1947. O fato de ser uma das mais antigas e tradicionais presenças entre bancos estrangeiros tanto no Brasil quanto na Argentina, tornaria a decisão do Bank of Boston especialmente negativa para os dois países, segundo alguns executivos de bancos ouvidos ontem por este jornal.

A participação do banco no crédito-ponte de US\$ 3 bilhões sinaliza, contudo, a continuação do envolvimento com o País. Isso é importante, pois o Bank of Boston teve uma participação decisiva na mobilização da adesão dos bancos regionais norte-americanos ao último "pacote" negociado com o México.

Não há dúvida, contudo, de que a rápida deterioração da economia brasileira em 1987 teve um peso importante na iniciativa do Bank of Boston. Essa deterioração foi mencionada na semana passada pelo Moody's Investors Service, ao lado dos problemas das economias da Argentina, da Venezuela e do México, para explicar a decisão do serviço para colocar dez grandes bancos — inclusive o Bank of Boston — numa lista de revisão, com vista a um possível rebaixamento de seus papéis.

Oficialmente, Stepanian, num comunicado, diz que o "write-off" foi decidido "à luz das condições atuais da economia mundial e das negociações da dívida dos países em desenvolvimento", mencionando a declaração conjunta que oito presidentes latino-americanos fizeram em Acapulco, México, no mês passado, reivindicando uma redução das obrigações da dívida. Ele citou, também, informações recentes de que a Argentina poderá tomar o caminho da moratória no primeiro trimestre de 1988.